

A portrait of a man with dark hair, wearing round spectacles and a dark coat with a white collar. The background is dark and textured.

MEMORIAS DE LITTERATURA PORTUGUEZA [1792-1814]

OS HOMENS E AS LETRAS NA
ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

EURICO JOSÉ
GOMES DIAS

IMPRESSÃO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

A red flower and a gold brooch with a circular design are positioned in the bottom right corner of the cover.



I N V E S T I G A Ç Ã O

I
IMPRESSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS
U

Coordenação editorial

Imprensa da Universidade de Coimbra

Email: imprensa@uc.pt

URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc

Vendas online: <http://livrariadaimprensa.uc.pt>

Infografia da Capa

Carlos Costa

Infografia

PMP

Revisão

António Félix Rodrigues

Execução gráfica

www.artipol.net

ISBN

978-989-26-1116-7

ISBN DIGITAL

978-989-26-1117-4

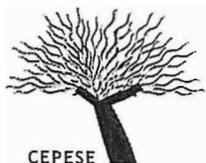
DOI

<https://doi.org/10.14195/978-989-26-1117-4>

Depósito legal

431922/17

Obra publicada com o apoio de:



© Outubro 2017, Imprensa da Universidade de Coimbra.

MEMORIAS DE LITTERATURA PORTUGUEZA [1792-1814]

OS HOMENS E AS LETRAS NA
ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

EURICO JOSÉ
GOMES DIAS

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

SUMÁRIO

Menção de Abertura.....	7
Figura do Frontispício.....	7
Dedicatória.....	9
Siglas e Abreviaturas.....	10
Prefácio.....	13
Parte Introdutória	19
I – António Caetano do Amaral [1747-1819]	47
II – António das Neves Pereira [?-1818]	91
III – António de Araújo de Azevedo [1754-1817]	105
IV – António Pereira de Figueiredo [1725-1797]	121
V – António Ribeiro dos Santos [1745-1818]	131
VI – Constantino Botelho de Lacerda Lobo [1753-1820?/1822?]	351
VII – Francisco Dias Gomes [1745-1795].....	377
VIII – Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio [1741-1812?/1814?]	407
IX – João de Sousa [c. 1735-1812].....	419
X – João Pedro Ribeiro [1758-1839]	439
XI – Joaquim de Fóios [1733-1811]	495
XII – Joaquim de Santo Agostinho de Brito França Galvão [1767-1845] ...	499

XIII – Joaquim Forjaz Pereira Coutinho [1712-1798].....	541
XIV – Joaquim José Ferreira Gordo [1758-1838]	547
XV – José Anastácio de Figueiredo Ribeiro [1766-1805]	559
XVI – José António de Sá [?-1819].....	611
XVII – José Diogo Mascarenhas Neto [1752-1826]	625
XVIII – José Joaquim Soares de Barros e Vasconcelos [1721-1793]	633
XIX – José Veríssimo Álvares da Silva [1744-1811].....	643
XX – Pedro José de Figueiredo [1762-1826].....	673
XXI – Sebastião Francisco de Mendo Trigo Homem de Magalhães [1773-1821]	681
XXII – Tomás António de Vila Nova Portugal [1755-1839]	711
XXIII – Vicente José Ferreira Cardoso da Costa [1765-1834]	753
XXIV – Anónimo[s].....	769
Parte Final.....	787
Bibliografia Geral.....	793

Menção de Abertura

“O Homem de Letras, Senhores, que por singularidade, ou capricho pueril desdenha entrar em Sociedades Litterarias, antolhaseme ser huma especie de Celibatario, despegado do Mundo: que não tendo para quem ajunte, ou a quem deva sustentar, não augmenta seus cabedaes; ou os despende sem regra nem medida, endividandose muitas vezes, e perdendo o seu credito.”

SILVA, José Bonifácio de Andrada e – «Discurso contendo a Historia da Academia Real das Sciencias, desde 25 de Junho de 1814 até 24 de Junho de 1815», in *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, tomo IV, Parte II, Typographia da Academia, Lisboa, 1816, p. XXVIII.

Figura do Frontispício

António Ribeiro dos Santos, por autor desconhecido, óleo s/tela, [1790?]. Galeria dos Directores, Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa.

Dedicatória

Dedico esta fadiga académica aos meus Pais, ao Henrique e à Susana,
sem esquecer as pessoas que me guiaram.

Siglas e Abreviaturas

art. cit. – artigo citado;
cap. – capítulo;
cartul. – cartulário;
cf. – confrontar;
cod. – código;
cx. – caixa;
doc. – documento;
et al. – e alguns;
f.^o – fólio;
f.^{os} – fólhos;
fl. – fascículo;
fs. – fólhos;
ft. – folhetim;
fts. – folhetins;
ibid. – ibidem;
id. – idem;
liv. – livro;
ls. – linhas;
m. – maço;
ms. – manuscrito;
n.^o – número;
n.^{os} – números;
n. – nota;
ob. cit. – obra citada;
p. – página;
pp. – páginas;
ref.^a – referência ou referenciado;
s. d. – sem data identificada;
s. l. – sem local de edição identificado;
s. n. – sem nome de editor identificado;
segs. – seguintes;
tít. – título;
t. – tomo;
v. – ver;
vol. – volume;
vols. – volumes.



Alegoria à criação da Academia Real das Ciências,
em que a Luz da Razão ilumina D. Maria I.
Jornal Encyclopedico, Oficina de António Rodrigues Galhardo,
Lisboa, 1779.

MEMORIAS
DE
LITTERATURA
PORTUGUEZA,
PUBLICADAS
PELA
ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS
DE LISBOA.

Nisi. utile est quod facimus, stulta est gloria.

T O M O I.



L I S B O A
NA OFFICINA DA MESMA ACADEMIA.
ANNO M. DCC. XCII.
*Com. licença da Real Meza da Commissão Geral sobre o Exame,
e Censura dos Livros.*

Frontispício das *Memorias de Litteratura Portugueza*, vol. I, 1792.
Acervo da antiga Escola do Exército, hoje Academia Militar.

PREFÁCIO

A fundação da Academia Real das Ciências de Lisboa, em 1779 é facto de enorme relevância no contexto cultural português.

Já D. Francisco de Lemos, Reitor da Universidade de Coimbra, lamentava não haver uma Congregação Geral das Ciências para o adiantamento, progresso e perfeição das Ciências Naturais tal como existiam noutros países da Europa.

Aliás nessa Europa do Iluminismo o papel das Academias tornara-se fundamental dado que nelas se congregavam os homens capazes de estudar e dar parecer sobre problemas de âmbito científico e técnico que preocupavam os governos dos países que as possuíam.

Esta é uma preocupação constante e subjacente aos fundadores da Academia Real das Ciências de Lisboa.

É assim que o 2.º Duque de Lafões, tio da soberana D. Maria I, o Visconde de Barbacena e o Abade Correia da Serra lançam as bases da novel Academia procurando apoios vários, não se esquecendo de Domingos Vandelli e de João António Dalla Bella, dois dos vários professores contratados por Pombal para leccionarem no Colégio dos Nobres e que posteriormente se passaram para a Universidade de Coimbra.

Teodoro de Almeida no seu magistral discurso, na sessão solene da abertura da Academia de 4 de Julho de 1780, apresenta um programa de trabalhos futuros..

Diz ele «... aqui huns descubrem manuscriptos (...) ali outros os traduzem, com gosto, outros os publicação com elegancia. Lá estarão

aqueles observando os mineraes, as aguas as plantas, nhũa palavra, a Natureza, quando da outra parte estão outros tentando experiencias, fazendo observaçoens, imaginando projectos: aqui se formão novos instrumentos e maquinas, ali se reformão, e aperfeiçoão as já conhecidas; acolá se verão outros trabalhando com incansável applicação das Mathematicas e no calculo, outros fazendo as doutrinas mais espinhozas, e dificeis, semeando na mocidade o gosto, a critica, o desejo de estudar e Saber».

Ao ler esta intervenção do oratoriano Padre Teodoro de Almeida bem se compreende a escolha do lema da Academia: “Nisi utile est quod facimus, stulta est gloria.” Recordemos que nos Estatutos da Academia lidos na primeira reunião académica de 16 de Janeiro de 1780, pelo Secretário Visconde de Barbacena, se realçava que esta fora criada “à imitação de todas as nações cultas, para adiantamento da instrução nacional, perfeição das ciências e das artes (ou seja das técnicas) e aumento da indústria popular”.

Ao terminar o século da sua fundação, cerca de vinte anos após a sua criação, a Academia promovera já um importante núcleo de publicações que merece recordar, embora não querendo ser exaustivo.

Assim publicou, distribuídos por várias séries, *Memórias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, *Memórias de Mathemática e Physica da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, *História e Memórias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, 1.^a classe – *Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturais* e 2.^a classe – *Sciencias Moraes, Políticas e Bellas Artes* e ainda as obras famosas *Memórias de Litteratura Portugueza* em 8 tomos e *Memórias Económicas* em 5 tomos.

Salienta-se que nestas *Memórias* há estudos de Domingos Vandelli, de João de Loureiro, de José Bonifácio de Andrade e Silva, Vicente de Seabra, de J. A. Dalla Bella, de Monteiro da Rocha, de Francisco Garção Stokler, etc., etc.

Recorde-se ainda que a preocupação da Academia em usar a Ciência para o desenvolvimento sócio-económico do país, vem do

seu início já que em 1779 giza um grande plano para promover o melhoramento e progresso da agricultura portuguesa e mais tarde cria a Instituição Vacínica.

Foi igualmente importante a política de formação de jovens que permitiu melhor abordagem, compreensão e mesmo solução dos problemas sócio-económicos do país.

A Academia cria no seu seio departamentos devidamente apetrechados para a observação e experimentação laboratoriais como o Observatório Matemático, os Gabinetes de História Natural e de Physica e o Laboratório de Chimica.

A partir de 1781 a Academia põe publicamente questões para serem tratadas por quem desejasse, com prémios em dinheiro.

É particularmente importante o papel de Frei José Mayne no domínio da História Natural.

Frei Mayne lega os bens que herda de seu irmão à Academia o que proporciona a manutenção económica do Museu e do Gabinete de História Natural. Esse Museu devidamente estudado e recuperado pelos últimos dois seus directores (Rómulo de Carvalho e Telles Antunes) é hoje peça importante do espólio cultural da Academia e propiciadora de trabalhos de investigação nos domínios da História das Ciências, Etnografia e Arqueologia.

Deve referir-se a preocupação da Academia na formação de jovens investigadores que seleccionava e a quem proporcionava bolsas de estudo no estrangeiro.

Um dos casos mais paradigmáticos envolveu três “pensionários” que se tornaram famosos pelas suas actividades.

No dizer de Latino Coelho, os fundadores da Academia “em vez de convidar ao magistério a estrangeiro - professores, que não seriam nunca os de maior saber e auctoridade, era mais congruente enviar às célebres escolas europeias alguns talentos fervorosos de observar e aprender”.

É assim que três “pensionários” José Bonifácio de Andrade e Silva, Manuel Ferreira de Araújo Câmara e Joaquim Pedro Fragoso de Sequeira frequentaram estudos em França, Alemanha, Suécia, Noruega, Itália, etc., onde se demoraram cerca de uma década, regressando a Portugal para desempenharem importantes cargos científicos e técnicos. Os dois primeiros, de origem brasileira, uma vez no Brasil ocupam lugares de topo no seu país.

Verifica-se que o papel desempenhado pela Academia nos primórdios da sua existência ia para além de um mero areópago de literatos, historiadores e homens de ciências (matemáticos, físicos e naturalistas); geria e usava laboratórios destas ciências e tinha actividade escolar, dando lições públicas com demonstrações experimentais que eram anunciadas na *Gazeta de Lisboa*.

Referimos já entre obras de realce as *Memórias Económicas* em 5 tomos e as *Memórias de Litteratura Portuguesa*, em 8 volumes.

Aquelas *Memórias Económicas* tiveram recentemente estudos de análise dos Profs. Jacinto Nunes e José Luís Cardoso.

As *Memórias de Litteratura Portuguesa* merecem agora estudo e análise adequada do Prof. Eurico Gomes Dias.

De acordo com o *Diccionario Bibliographico Portuguez* de Innocencio Francisco da Silva de 1862, tomo VI, pp. 200-203, esta obra de que dá “o índice ou resenha das (memórias) compreendidas nos oito volumes (...), forma de per si um dos mais importantes e valiosos subsídios para os estudos do philologo português”.

De facto ao ler-se aquela “resenha” tem-se noção da amplitude e diversidade do conteúdo das Memórias Litterárias e como é importante a tarefa a que se propõe o Prof. Eurico Gomes Dias ao estudar o seu impacto no panorama intelectual nacional da época.

Estas Memórias, em número de 56, tratam de assuntos tão díspares como “a poesia bucólica dos poetas portugueses (1.^a Memória do Tomo I)” ou “origens dos nossos juizes de fora (3.^a Memória do Tomo I)”, e ainda “sobre a antiguidade das Caldas de Vizela (2.^a

Memória do Tomo III)” até “códices, manuscritos do Real Mosteiro de Alcobaça (5.^a Memória do Tomo V)”, etc., etc.

Este enorme acervo de Memórias foi produzido por vinte e quatro autores sendo um deles anónimo.

Como refere o Prof. Gomes Dias no seu Intróito “em todas as Memórias, reconhecem-se manifestamente as preocupações estatais, académicas e de entidades particulares sobre a projecção dos estudos científicos, económicos e históricos no quotidiano social português”.

A época de produção das *Memórias de Litteratura Portuguesa* ocupa o lapso de tempo de vinte e dois anos, de 1792 a 1814. Significa isto que são produzidas neste período charneira em que se assiste ao ocaso do Antigo Regime e ao dealbar do Liberalismo preparado pelas Invasões Francesas. É um período histórico de movimentações sócio-políticas importantes que vindo da placidez do reinado de D. Maria I se projecta pelos tempos turbulentos da saída da corte para o Brasil, do seu regresso e do novo mundo que se adivinha e consolida.

Propõe-se o autor do estudo agora oferecido ao público revistar todos os trabalhos historiográficos inseridas nas *Memorias de Litteratura Portuguesa*, comentá-los, averiguar como e por que nasceram e, inclusivamente, a que público-alvo se dirigiram fundamentalmente.

É uma tarefa não só importante mas ainda fundamental para que se compreendam as ideias, as motivações, os propósitos de um conjunto amplo de intelectuais e cientistas que dominaram e conduziram os destinos da Academia no primeiro quarto de século da sua existência.

Decorridos dois séculos sobre a publicação das *Memórias de Litteratura Portuguesa* já possuímos o recuo epistemológico adequado para a análise serena do conjunto tão díspar de estudos e sua interligação interna (em enquadramento gisado pela Academia) ou simples justaposição e do seu correlacionamento estreito ou discreto

com a matriz sócio-político-económica em que foram produzidos. Recorde-se que a obra que agora se publica trata das “Memórias de Litteratura Portugueza (1792-1814): os Homens e as Letras na Academia Real das Ciências”.

É um estudo bem-vindo, retomando produção de período áureo da Academia que merece ser melhor conhecido e apreciado.

Luís Aires-Barros

Presidente da Academia das Ciências de Lisboa

Eurico José Gomes Dias [Torres Novas, 1976]: Bacharel e Licenciado em Comunicação Social pelo Instituto Superior de Línguas e Administração [Santarém]. Pós-Graduado em Direito da Comunicação pela Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Pós-Graduado e Mestre em História Medieval e do Renascimento pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde terminou o Doutoramento, o Pós-Doutoramento e concluiu Provas de Agregação em História. Bolseiro de Doutoramento e Pós-Doutoramento pela Fundação para a Ciência e Tecnologia. Investigador do CEPESE [Centro de Estudos de População, Economia e Sociedade – Porto], colabora ainda no Centro de História [FLUL], no CIJVS [Centro de Investigação Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão, Santarém], no CIDIUM-IUM [Centro de Investigação e Desenvolvimento do Instituto Universitário Militar], no IEM [Instituto de Estudos Medievais/FCSH-UNL], no CLEPUL [Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias/FLUL], entre outros organismos científicos. Auditor do Curso de Política Externa Nacional 2005/2006 [Instituto Diplomático/Ministério dos Negócios Estrangeiros] e Auditor do Curso de Defesa Nacional 2009/2010 [Instituto da Defesa Nacional/Ministério da Defesa]. Presentemente, é Professor Auxiliar com Agregação no ISCPSI – Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna [Lisboa]. Autor de várias obras e numerosos artigos científicos, foi galardoado com duas «Menções Honrosas» no Prémio Grémio Literário 2010 e 2012.

9 789892 611167 >

Série Investigação

•

Imprensa da Universidade de Coimbra

Coimbra University Press

2017

OBRA PUBLICADA
COM A COORDENAÇÃO
CIENTÍFICA

